

Guandu para reforma de pasto

FONTE: EMBRAPA PECUÁRIA SUDESTE



As características da BRS Mandarin

Hábito de crescimento: ereto
Altura da planta: 1,80 a 1,95 m
Ciclo vegetativo: tardio. Início do florescimento aos 130 dias
Cor da flor: amarelo cromo

Formato da vagem: achatado
Formato da folha: elíptica larga
Produtividade: 10.000 kg/ha de matéria seca*

*média anual em solos de fertilidades diferentes.

Uma nova cultivar chega ao mercado até o fim do ano

Renato Villela

A Embrapa Pecuária Sudeste deverá colocar no mercado, em breve, uma nova cultivar de feijão guandu (*Cajanus cajan*), a BRS Mandarin. A cultivar é resultado de uma seleção com vistas à alta produtividade, após 20 anos de pesquisas, que tiveram como base a boa adaptabilidade da espécie a solos pobres e sua resistência à estiagem. De acordo com Rodolfo Godoy, pesquisador da Embrapa, o guandu Mandarin produz no mínimo 20% a mais de matéria seca que as outras cultivares disponíveis no mercado.

Apesar de ter sido selecionada para uso em solos de baixa fertilidade, a nova cultivar responde bem à adubação. Em experimentos realizados em talhões de cana-de-açúcar, por ocasião de sua renovação, a BRS Mandarin produziu 15 toneladas de matéria seca/ha, em quatro meses, enquanto a cultivar Fava Larga, a mais comumente encontrada, produziu 12 ton matéria seca/ha. O teor de proteína bruta da nova variedade varia de 17 a 22%.

Além de produzir mais, a BRS Mandarin tem como trunfo o maior “efeito pivotante” de suas raízes, o que confere a ela um grande potencial de descompactação do solo e a credencia a ser utilizada em áreas de pastagens degradadas. “O seu sistema radicular é mais desenvolvido.

Isso contribui para o arejamento das camadas mais profundas do solo, onde a nova planta vai buscar nutrientes que não estão disponíveis para as raízes das forrageiras. Com a posterior queda das folhas, esses nutrientes são depositados na parte superior do solo, melhorando sua fertilidade”, explica Godoy, que vê como muito promissor o uso da leguminosa em sistemas de integração lavoura-pecuária.

Outra vantagem é a uniformidade no desenvolvimento da planta. “Por se tratar de uma nova linhagem, o guandu Mandarin é bastante uniforme no crescimento e no florescimento”, informa Godoy. O baixo teor de tanino (substância que amarga a planta e a deixa menos palatável), a alta retenção de folhas no inverno e a resistência à ferrugem da soja são outras de suas qualidades. Embora não haja dados referentes à adaptabilidade da BRS Mandarin a diferentes tipos climáticos, é sabido que o guandu se adapta melhor às regiões quentes, com temperaturas médias entre 27° e 28°C. É mais tolerante ao frio do que as gramíneas e produz bem sob temperaturas de até 10°C. A altura de corte ideal para o fornecimento do guandu picado é entre 40 cm e 60 cm. Se o corte for muito baixo, o percentual de morte das plantas será muito alto. Hastes mais grossas significam material de pior qualidade, alerta Godoy.

MENOS CONCENTRADO – O guandu Mandarin pode ser usado em pastejo consorciado com gramíneas, como

banco de proteína ou ser fornecido picado no cocho. Um experimento realizado em São Carlos, SP, mostrou que o fornecimento de 1,55 Kg de matéria seca do guandu/animal/dia no cocho para novilhas permitiu a redução da quantidade de concentrado de 2,50 Kg para 1,75 Kg/animal/dia, o que representou uma economia de 8% no custo da alimentação por Kg de ganho de peso, sem prejudicar o desempenho dos animais.

Outro estudo avaliou o desempenho de novilhas com e sem acesso a um banco de proteínas do guandu Mandarin. No experimento, realizado durante a seca, a dieta dos animais foi composta por cana + uréia + caroço de algodão em pastagem de braquiária brizanta. As novilhas que tiveram acesso ao banco de guandu durante três horas/dia tiveram um ganho de peso, em média, 32,5% superior ao daquelas que não tiveram acesso à leguminosa. Os resultados também mostraram que o pastejo adicional no guandu reduziu o custo da alimentação em 21% em relação à dieta “padrão”.

O consórcio do guandu com gramíneas é mais uma alternativa para seu uso na alimentação animal. O que torna a consorciação - geralmente feita com o capim braquiarião - interessante é que os animais a consomem praticamente apenas no período seco, nos meses de outono/inverno, quando as forrageiras apresentam menor volume e qualidade de massa. No período chuvoso, os animais preferem as gramíneas, por serem mais palatáveis. ◀